



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA



O PANORAMA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE
BOQUEIRÃO DO PIAUÍ/PI: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL
JOÃO LOURENÇO DE LIRA

HUDSON RODRIGUES FONSECA

CAMPO MAIOR- PI
2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**O PANORAMA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE
BOQUEIRÃO DO PIAUÍ/PI: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL
JOÃO LOURENÇO DE LIRA**

HUDSON RODRIGUES FONSECA

**CAMPO MAIOR- PI
2023**

HUDSON RODRIGUES FONSECA

**O PANORAMA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE
BOQUEIRÃO DO PIAUÍ/PI: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL**

JOÃO LOURENÇO DE LIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí, sob a Orientação do Prof. Dr. Antônio José Castelo Branco Ribeiro.

CAMPO MAIOR- PI

2023

F676p

Fonseca, Hudson Rodrigues.

O panorama do ensino de geografia nas escolas públicas de Boqueirão do Piauí/PI: um estudo de caso na Escola Municipal João Lourenço de Lira / Hudson Rodrigues Fonseca. – 2023.

38 f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em Geografia, *Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior-PI*, 2023.

“Orientador Prof. Dr. Antônio José Castelo Branco Ribeiro.”

1. Desafios. 2. Reflexões. 3. Ensino. 4. Aprendizagem.
5. Geografia. I. Título.

CDD: 918.122

HUDSON RODRIGUES FONSECA

**O PANORAMA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE
BOQUEIRÃO DO PIAUÍ/PI: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL
JOÃO LOURENÇO DE LIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção do título de graduada em
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual do Piauí.

APROVADA NO DIA _____ DE _____ DE 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio José Castelo Branco Ribeiro

Parecerista 1

Parecerista 2

**CAMPO MAIOR - PI
2023**

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda a alegria e bênçãos, pelo dom da vida e pela saúde concedida. A todos os meus familiares agradeço pela força e pelo amor, oferecidos simplesmente em sinal de carinho e compreensão. Aos amigos que me conquistaram e aos amigos que conquistei agradeço todos os momentos em que estivemos juntos e fomos fortalecidos pelo forte laço da amizade. Aos professores que muito me auxiliaram nesta caminhada e em especial meu Orientador Prof Dr Antônio José Castelo Branco Ribeiro, que durante todo o seu processo de orientação foi prestativo e paciente.

Dedico este trabalho a minha família. Aos amigos que conquistei e aos professores que sempre me incentivaram nessa jornada, que senão foi a mais difícil, foi uma das mais longas.

“Prefiram a minha instrução à prata, e o conhecimento ao ouro puro, pois a sabedoria é mais preciosa do que rubis; nada do que vocês possam desejar compara- se a ela.

Provérbios 8:10-11

RESUMO

O ensino de Geografia na rede escolar pública do Brasil tem enfrentado muitos desafios. No contexto atual, as práticas pedagógicas buscam apresentar aos educandos diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, possibilitando aos mesmos a compreensão, identificação e reflexão da realidade. Pretende- se sugerir ações voltadas à melhoria do ensino de Geografia, promovendo o intercâmbio entre todas as disciplinas, e contribuir assim para um dia-a-dia participativo, democrático, animado e saudável nas aulas de Geografia. Como objetivo geral pretende-se conhecer as diferentes formas e ferramentas que o professor pode utilizar para ensinar geografia, bem como os desafios que cada um tem enfrentado para melhor aplicar seus conteúdos e como objetivos específicos visa apontar as dificuldades que os professores enfrentam no ensino de Geografia que interferem no processo de ensino e aprendizagem; Identificar alguns métodos e estratégias que sejam capazes de melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos e discutir a utilização de novas tecnologias no ensino de Geografia, de forma que estimule o aluno o interesse por esse componente curricular. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário um levantamento bibliográfico e posterior revisão bibliográfica a partir de vários autores, como: Veiga (1992), Silva (2004), Brasil (1998), entre outros, bem como uma pesquisa de Campo realizada na Escola Municipal João Lourenço de Lira em Boqueirão do Piauí-PI. Em suma, é papel da escola orientar os professores, fomentar a capacitação, atualização e aperfeiçoamento dos recursos humanos e materiais, fornecer assistência pedagógica e recursos necessários, não dando uma superlotação as salas de aula para que se possa melhorar o atendimento às dificuldades individuais dos estudantes. Compreende-se que favorecer a autonomia da aprendizagem e motivar os alunos a desenvolverem as habilidades orais e escritas exige uma prática pedagógica voltada para o exercício da linguagem de forma efetiva e contextualizada, com o uso de atividades de leitura e compreensão que favoreçam o engajamento dos alunos durante as aulas de geografia.

PALAVRAS - CHAVE: Desafios. Reflexões. Ensino. Aprendizagem. Geografia

ABSTRACT

Teaching Geography in the public school system in Brazil has faced many challenges. In the current context, pedagogical practices seek to present students with different aspects of the same phenomenon, enabling them to understand, identify and reflect on reality. With this article we want to suggest actions aimed at improving the teaching of Geography, promoting exchange between all disciplines, and thus contributing to a participatory, democratic, lively and healthy day-to-day in Geography classes. The present work intends in its general objective to know the different forms and tools that the teacher can use to teach geography, as well as the challenges that each one has faced to better apply its contents and as specific objectives it aims to diagnose the difficulties that teachers face in the teaching of Geography that interfere in the teaching and learning process; Identify some methods and strategies that are able to improve the teaching and learning of students in the discipline of Geography and discuss the use of new technologies in the teaching of Geography, in a way that stimulates the student's interest in this curricular component. For the development of this research it was necessary a bibliographic survey and later bibliographic revision from several authors, such as: Veiga (1992), Silva (2004), Brazil (1998), among others. In short, it is the role of the school to guide teachers, to promote training, updating and improvement of human and material resources, to provide pedagogical assistance and necessary resources, not overcrowding the classrooms so that one can improve the attendance to the individual difficulties of the students. It is understood that favoring the autonomy of learning and motivating students to develop oral and written skills requires a pedagogical practice focused on the exercise of language in an effective and contextualized way, with the use of reading and comprehension activities that favor participation and student involvement during geography classes.

KEYWORDS: Challenges. Reflections. Teaching. Learning. Geography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 GEOGRAFIA ESCOLAR	13
1.1 O Ensino de Geografia.....	15
1.2 A motivação e a interação nas aulas de Geografia.....	21
2. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM SALA DE AULA 23	
2.1 Sobre o papel do professor no ensino de Geografia.....	26
3 METODOLOGIA.....	28
3.1 Instrumento da Pesquisa.....	29
3. 2 Campo Empírico: Caracterização da Escola Municipal João Lourenço de Lira .	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia é pautado no livro didático e no discurso do professor, explicado muitas vezes de maneira descontextualizada, seguido dos exercícios de memorização. Atualmente as práticas pedagógicas buscam apresentar aos educandos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, possibilitando aos mesmos a compreensão, identificação e reflexão da realidade.

Muitas pesquisas ainda apontam a existência de um ensino tradicional, atividade em que alguns educadores seguem práticas pedagógicas ultrapassadas ou, ainda, encontram dificuldades para romper o bloqueio que impede de ousar novas tendências pedagógicas, o que provoca nos discentes, na maioria das vezes, um desinteresse parcial, senão completo, pelos assuntos de Geografia.

Acredita-se que a motivação dos alunos está intrinsecamente ligada à utilização de métodos mais dinâmicos, atrativos e variados na sala de aula pelos professores. A motivação é o elemento que atrai o interesse do aluno e desperta o desejo de participar e realizar as atividades propostas em sala de aula.

O professor de Geografia da atualidade enfrenta diversos desafios e precisa enfrentá-los de forma em que ele dinamize suas aulas e envolva os educandos no processo de construção de conhecimentos, mas para isso é necessário um empenho, uma dedicação dos docentes no que diz respeito a essa interação que tanto se fala nos dias atuais.

Sabemos que o ensino da teoria muitas vezes se transforma em algo que os alunos não têm fascínio em aprender, já quando o professor diversifica, inova, faz usos de outros recursos sejam eles audiovisuais ou aulas de campo, o aluno quer investigar, ir além do que foi proposto, pois ele se sente desafiado e parte para a construção do conhecimento, onde ele deixa de ser apenas um receptor e se torna agente ativo na construção do processo de ensino e aprendizagem.

O que preocupa o professor de Geografia no processo de ensino no contexto atual? Quais são os desafios que ele precisa enfrentar? Quais questões são específicas do professor de Geografia? Como ele concebe seu trabalho e o papel social que exerce? O ensino de Geografia é pautado no livro didático e no discurso do professor, explicado geralmente de maneira descontextualizada, seguido de exercícios de memorização.

No contexto atual, as práticas pedagógicas buscam apresentar aos educandos diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, possibilitando aos mesmos a compreensão, identificação e reflexão da realidade.

Esse trabalho pretende em seu objetivo geral conhecer as diferentes formas e ferramentas que o professor pode utilizar para ensinar geografia, bem como os desafios que cada um tem enfrentado para melhor aplicar seus conteúdos e como objetivos específicos visa apontar as dificuldades que os professores enfrentam no ensino de Geografia que interferem no processo de ensino e aprendizagem, identificar alguns métodos e estratégias que sejam capazes de melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos na disciplina de Geografias e discutir a utilização de novas tecnologias no ensino de Geografia, de forma que estimule o aluno o interesse por esse componente curricular.

Sabe-se que muitos problemas afetam o ensino brasileiro e estão ligados a diversos fatores, desde ordens estruturais a problemas de cunho didático – pedagógico. Uma questão bastante discutida está relacionada ao ensino de Geografia de nossas crianças e jovens.

Com este trabalho pretende-se verificar ações voltadas à melhoria do ensino de Geografia, promovendo o intercâmbio entre todas as disciplinas, e contribuir assim para um dia-a-dia participativo, democrático, animado e saudável nas aulas de Geografia.

O estudo a ser realizado foi do tipo exploratório- descriptivo, onde será optado pela abordagem qualitativa. Segundo Bernard (1998), os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo. Vale ressaltar que o estudo também terá um suporte de pesquisas bibliográficas sobre o tema em questão. Ou seja, utilizaram-se como suporte dissertações, artigos, sites da internet, autores com estudos aprofundados, com o intuito de obter mais informações sobre o tema estudado.

Para tanto, adotou-se como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, tendo como fonte a produção científica disponibilizada no Google Acadêmico e nos periódicos específicos do ensino de Geografia. Foram consultadas ainda publicações oficiais referentes aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O texto está estruturado em cinco seções. A primeira, essa introdução, apresenta e problematiza o tema, descreve os objetivos gerais e específicos do

estudo, a metodologia utilizada. A segunda seção versa sobre os embasamentos teóricos que dão sustentação ao tema trabalhado. A terceira seção, descreve o tipo de pesquisa e a metodologia utilizada. A quarta seção apresenta os resultados encontrados e as discussões sobre a temática. E por fim, na quinta e última seção, fazem-se as considerações finais.

O ensino de Geografia encontra-se em algumas turmas desmotivados por parte dos alunos e dos professores, resultado de descaso e pouco incentivos conferidos a ele. Os professores de geografia precisam cumprir a matriz curricular do ano com o curto tempo conferido a eles. A carga horária se torna um grande desafio. Boa parte do corpo discente não reconhece a importância que o estudo da disciplina geografia pode representar nas suas vidas, seja em caráter profissional seja em cultural ou social, podendo se conectar com um mundo cada dia mais globalizado.

Portanto, espera-se que este trabalho colabore cientificamente para outros acadêmicos que se interesse pela temática sobre os desafios e reflexões acerca do ensino de geografia nas escolas públicas, sendo um estimulante espaço para repensar as práticas pedagógicas e o papel dos professores como mediadores e transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão essencial, bem como da importância da responsabilidade de cada um para construir um caminho mais eficaz para consolidar o processo de ensino e aprendizagem.

1 GEOGRAFIA ESCOLAR

De acordo com Silva et al (2017), a escola é parte importante do contexto social e como tal reflete as mudanças da sociedade, assim há a necessidade de mudanças curriculares que atendam as novas perspectivas, de acordo com o atual momento histórico. A primeira fase do ensino no Brasil foi centrada no estudo de línguas clássicas e matemática, formatação herdada dos jesuítas que constituíram a organização do ensino no Brasil até então. A inserção de conteúdos científicos na educação ocorreu no início século XIX, como exigência das transformações que ocorriam naquele período em que a ciência crescia em descobertas e relevância.

Segundo Silva et al (2017), em se tratando da inserção no currículo escolar, a educação científica no Brasil tem início de fato na década de 1930, período marcado por um processo caracterizado como de inovação. O termo inovação é utilizado em educação como descriptivo de melhoramento na qualidade do ensino, no entanto essa visão simplista designa algo acabado, o que de fato não ocorre na formação do conhecimento que deve ser constantemente aprimorado e adequado às necessidades impostas pela sociedade (GARCIA, 2009).

Em Silva et al (2017) a legislação educacional brasileira acompanhou este processo, ainda que, muitas vezes, tardiamente. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) estabelecia até o início da década de 1960 programa oficial para o ensino de Geografia, que ocorria apenas nas duas últimas séries do ginásio com caráter meramente teórico e, no entanto, não estabelecia obrigatoriedade. Em 1961 é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 4024/61) que descentralizava as decisões curriculares sob responsabilidade do MEC e instituía a obrigatoriedade do ensino de geografianas séries ginásiais, (NASCIMENTO, FERNANDES, MENDONÇA, 2010).

Ainda em Silva et al (2017) p.287-288, apenas em 1971, através da Lei 5692/71, o ensino assume caráter oficial, com a obrigatoriedade em todas as 8ª séries do primeiro grau (BRASIL, 1971). Apesar das instituições legais deste período, o ensino transcorre de forma tecnicista.

Compreender tais características do ensino de geografia pressupõe compreender também o contexto sociocultural e político do período, uma vez que o processo educacional, como todas as ações humanas, não é neutro e não pode ser compreendido de forma descontextualizada. O período em questão refere-se à ditadura civil-militar (1964-1985) e à ênfase, no que diz respeito às diretrizes

governamentais, na modernização o país em curto prazo e no atendimento à demanda industrial e econômica, em detrimento da formação de indivíduos criticamente pensantes.

Para o autor anteriormente citado a década de 1980 foi um período de grandes transformações no país e no mundo. O Brasil foi marcado especialmente pela redemocratização, a partir de 1985, e o mundo pelo o declínio e fim da Guerra Fria. Tais fatos, ligados à busca pela paz mundial e à crescente preocupação com questões ambientais e direitos humanos, levaram à necessidade de formação de cidadãos preparados para o convívio social, bem como trouxeram à tona as discussões quanto à necessária superação da desigualdade social (NASCIMENTO, FERNANDES, MENDONÇA, 2010).

Esses novos desafios da educação levaram à necessidade de mudanças na forma de ensinar geografia que deveria priorizar a formação cidadã e não somente técnica, que culminou com a promulgação, em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394.

De acordo com a nova LDB (1996), em seu artigo 22 A, comprehende-se que a “educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (BRASIL, 1996) Tal visão inclui o saber científico que contribui para formação crítica de cidadãos sob a abordagem da atividade científica em torno do contexto histórico social e cultural. (FERREIRA, OLIOSI, 2013).

Ainda baseados na LDB (1996), foram publicados, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), produto de amplo debate acadêmico e social, e que delimitou competências básicas aos jovens que iniciam a vida adulta (BRASIL, 1997). Embora a publicação desses documentos seja considerada um avanço quanto ao ensino de geografia no Brasil, duas décadas depois os desafios persistem.

1.1 O Ensino de Geografia

Silva et al (2017), versa que nos últimos anos o Brasil passou por intensas mudanças econômicas e sociais que se refletem no modo como a sociedade vislumbra o país nos dias de hoje e no futuro. Mas, apesar do crescimento econômico e da ascensão social de grande parte da população, a educação universalizada e de qualidade persiste como um ponto crítico. Tal condição reflete diretamente na qualidade do ensino. A realidade do ensino de geografia é preocupante para aqueles profissionais que atuam para a melhoria do ensino no Brasil, condição identificada por levantamentos realizados por órgãos de pesquisa que buscam identificar os níveis educacionais e problemas no ensino.

Especialmente em fins do século XX, e início do XXI, tem-se dado uma nova configuração às escolas públicas brasileiras, reflexo das políticas neoliberais e também desse meio técnico-científico-informacional. Velhos e novos desafios emergem diante do processo avassalador de globalização, que tende à homogeneização do pensamento único (SANTOS, 2006), refletido na educação pública brasileira (que também é fruto de uma política neoliberal). A escola nada mais é do que uma instância da sociedade, e nela reflete todo e qualquer tipo de mudança de paradigma.

Em termos institucionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDBEN) realça a importância e normatização da educação básica no Brasil. Entretanto, marcas de elitismo e de exclusão social ainda estão presentes, sendo necessário repensar o modelo de ensino.

No entanto, o ensino de Geografia, ainda fortemente influenciado pelas práticas tradicionalistas de base positivista, muitas vezes, centradas apenas na memorização e descrição do espaço geográfico, acaba favorecendo a dicotomia homem x natureza; e diante de um espaço geográfico extremamente mutável acaba não contribuindo de forma efetiva para a leitura e a interpretação dos fenômenos inerentes a este espaço, o que leva muitos educandos a não construírem afinidade com esta disciplina. Muitos recursos e estratégias didáticas têm sido explorados pelos docentes, no ensino de Geografia a fim de tornar a sua prática muito mais prazerosa e efetiva.

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois, estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. Dessa forma, tem-se uma tomada de consciência sobre as

responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o intuito de efetivamente tornar o aluno agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

A realidade atualmente tem mostrado o grande dilema que os professores têm enfrentado quando se trata de ensinar geografia nos dias atuais, às maiorias destes ainda não estão preparados e não recebem o suporte técnico necessário, mesmo havendo cada vez mais cobrança por parte das diretrizes de ensino.

Torna- se necessário, portanto, empreender nas instituições educacionais e nos órgãos legislativos e comunitários uma reflexão profunda para ir contra visões deterministas da educação, seja aquelas que desvinculam a escola e o meio sociocultural de sua responsabilidade nesse processo. Isso implica a busca de respostas educativas à diversidade reconhecendo a escola como um lugar de inserção e transformação do contexto social em que estamos inseridos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), voltados para o componente curricular de Geografia, as primeiras tendências desta disciplina no Brasil surgiram com a fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo na década de 40. Seu objetivo era abordar as relações do homem com a natureza de maneira objetiva, o estudo da relação homem-natureza, desvinculado da sociedade, foi chamado de Geografia Tradicional os estudos eram pautados na memorização.

No decorrer do período pós-guerra as metodologias e teorias da Geografia Tradicional foram insuficientes para a apreensão das mudanças ocorridas pelo desenvolvimento oriundo do capitalismo. Nos anos 60, ainda segundo o mesmo documento, os PCN's (1998) surge a Geografia Marxista, a qual não bastava explicar o mundo, era preciso transformá-lo, surge então, uma Geografia com conteúdo políticos significativos na formação do cidadão, no entanto as metodologias e os livros didáticos conservavam o ensino tradicional, negligenciando a relação homem-sociedade-natureza.

Segundo os PCNs (1998), o ensino de Geografia pode levar o aluno a compreender a realidade de forma muito ampla quando bem aplicada.

A Geografia é dividida em campos do conhecimento da sociedade e da natureza proporcionando um aprofundamento temático de seu objeto de estudo, tal divisão é necessária como recurso didático para distinguir os elementos sociais ou naturais. O espaço geográfico é construído pelo homem, à medida que ele organiza a

sociedade, sendo o homem desta maneira sujeito construtor do espaço geográfico, homem social e cultural. O saber geográfico é constituído por: percepções; vivências e as memórias dos indivíduos. Neste contexto, estudar Geografia é compreender a sua posição de sujeito no conjunto das relações sociais, com a natureza e com as relações estabelecidas na construção do espaço geográfico.

Os conteúdos relacionados à Geografia objetivam dotar os alunos de conhecimentos necessários à compreensão, a construção de seus espaços e do tempo histórico para atuar da melhor maneira como agentes de transformação e de ação social. Os conteúdos são escolhidos a partir do tempo histórico, das necessidades sociais de transformação e aplicados de forma descritiva. Permanecendo em sua grande maioria, pautados em exercícios de memorização, influenciados pela ideologia dominante com a finalidade de manutenção e preservação da sociedade vigente.

O ensino de Geografia na rede pública municipal de ensino tem enfrentado cada vez mais desafios, os profissionais que atuam nessa área têm sofrido, uma vez que, o ensino dessa disciplina no âmbito educacional público passou e passa por diversas dificuldades relativas à falta de material didático, à ausência de um ambiente propício para aprendizagem de Geografia e carga horário insuficiente. Percebe-se a dificuldade do professor em fazer uso de recursos tecnológicos, em diversificar suas aulas, aproveitar na sua totalidade o que ele tem ao seu redor e dentre desse paradigma, fazer uso das aulas de campo. O professor da atualidade precisa se reinventar para que a aprendizagem aconteça.

Para que a aprendizagem aconteça de forma efetiva, a prática do docente no ensino de Geografia deve ser cada vez mais prazerosa, promovendo assim a participação dos alunos no processo. Com aulas mais atrativas e dinâmicas, logo os alunos desenvolverão melhor as habilidades e ainda terão uma evolução oral satisfatória e grande relevância na vida pessoal, social, cultural e profissional.

Para estimular os alunos, é necessário estar cada vez mais conectados com a tecnologia e a informação, também é preciso utilizar bem mais que apenas textos, livros e palavras desconectadas, pois para o perfil dos alunos que hoje atendemos, não faz mais sentido algum, caso estes conteúdos não estejam associados á uma imagem, a som e/ou movimentos ou a sua realidade.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), o desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas em outros países dirão em determinadas situações nos leva, portanto, a compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da cultura materna.

O cenário da escola pública em muitos de seus aspectos é por exemplo de um ensino caótico, onde existem professores atuando em áreas que não são de sua competência, utilizando métodos ou abordagens que não condizem com a realidade de suas classes, contribuindo assim, para um ensino de má qualidade o que não proporciona prazer em aprender por parte dos discentes.

As dificuldades vivenciadas por professores e alunos em sala de aula não tem origem apenas no contexto escolar e, embora muitos estudiosos discutam a respeito desta temática e leis tenham sido promulgadas, ainda há um longo caminho a ser trilhado para que o ensino e a aprendizagem obtenham resultados que sejam considerados muito satisfatórios.

Ser professor de Geografia, nas escolas brasileiras, é tarefa desafiadora, especialmente, em se tratando das escolas públicas, uma vez que as autoridades governamentais, muitas vezes, não consideram tal disciplina importante e necessária a um currículo que zela por uma educação de qualidade. Anteriormente, os materiais didáticos eram centrados no professor, apresentando textos e atividades artificiais e tornando as aulas cansativas e os alunos fadados ao insucesso, nos dias atuais o material didático ocupa um papel importante no processo de ensino/aprendizagem de qualquer disciplina, o que se aplica a Geografia.

Silva et al (2017), p.289, elencar motivos e razões que conduzem os níveis educacionais brasileiros, especialmente o ensino de geografia, a patamares tão baixos, pode resultar numa análise superficial diante da variedade de condições e fatores que podem influenciar o ensino e aprendizado e ainda o desempenho em sistemas de avaliação. No entanto, alguns pontos podem ser claros indicativos dos resultados fracos. Aqui são elencados dois quesitos considerados fundamentais que atualmente estão em condições críticas: formação e valorização docente e acesso a laboratórios.

Ensinar Geografia, nos dias atuais, é um grande desafio, pois a construção dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento tecnológico crescem a uma velocidade

muito rápida. Para isso, a escola precisa auxiliar seus alunos no convívio e atuação nessa nova realidade.

Para Torres et al, 2019, p.1 uma vez que o ensino apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997) sinalizam um ensino que proporciona ao educando apropriar-se do conhecimento histórico existente com possibilidade de estabelecer relação entre a Ciência, a Tecnologia, a Sociedade e Ambiente (CTSA), esta passa a ser compreendida na perspectiva de um novo olhar. Tal fato favorece a constituição de uma nova filosofia e sociologia da Ciência, que começa a considerar as relações entre a Ciência, Tecnologia, assim como suas consequências sociais e ambientais. (SANTOS e MORTIMER, 2001).

Silva et al (2017), discorrem que diante do cenário do ensino de geografia no Brasil não é difícil elencar os desafios. As carências estruturais e as condições de formação e atuação de professores são questões que demandam longo prazo, investimento público e social e políticas de Estado voltadas para resultados a longo prazo na melhoria do ensino de geografia e demais disciplinas.

Neste sentido, foi apresentado em 2010 o documento “Ensino de geografia e educação básica: propostas para um sistema “com proposta para o aprimoramento do ensino básico, especialmente o ensino de geografia”. O documento foca em ações de longo prazo e que visam sanar os problemas citados no panorama descrito anteriormente no texto (HAMBURGER, E. W. et al, 2007). Após uma década, os problemas persistem! Além da efetiva cobrança que a sociedade pode (e deve) exercer sobre os gestores das instituições formais de educação, cabe aos agentes atuantes diretamente no ensino implementar soluções independentes e que possam ser feitas de imediato e com resultados práticos na aprendizagem.

De acordo com Viecheneski (2012), o ensino de geografia é desafiador aos educadores. Quando o professor de geografia não tem a formação específica na disciplina lecionada, o desafio torna-se maior, pois é preciso o domínio dos conceitos científicos para contornar a abstração e “levar” o aluno à apropriação do conhecimento.

Portanto a formação inicial do professor e sua atuação em disciplinas específicas tornam-se grandes desafios, mas não é possível desvinculá-las das condições de trabalho e da formação continuada, ou seja, da necessidade de aprimoramento e estudo contínuo durante a carreira.

O desenvolvimento tecnológico de determinada produção industrial pode revelar e propiciar o entendimento das fases do método científico, além de ser uma maneira de contextualizar o ensino. O uso das palavras, exposições e argumentações pode ser complementado pela materialização dos conceitos científicos.

Diante dos argumentos, destaca-se que perante os desafios estruturais das escolas brasileiras e a carência de recursos, a experimentação com materiais alternativos é um caminho para transpor essas barreiras e levar o educando a compreensão de conceitos científicos e a relação dos mesmos com a vida cotidiana.

1.2 A motivação e a interação nas aulas de Geografia

De acordo com Dorney (2005), a origem do termo motivação vem do latim *moveare* e significa mover, induzir. O comportamento humano tem duas dimensões, direção e intensidade. Assim, a motivação explica porque as pessoas decidem fazer algo, o quanto de esforço vai empenhar em prosseguir na atividade a que se propôs e por quanto tempo eles estarão dispostos a sustentar a atividade. Para Williams e Burden (1999, p. 12) *apud* Perini e Ribas (2008).

A motivação é “um estado de ativação cognitiva e emocional que produz uma decisão consciente de agir e que dá lugar a um período de esforço intelectual e/ou físico sustentado, com o fim de alcançar uma meta ou metas previamente estabelecidas”. Nesse sentido, motivação pode ser considerada um esforço para traçar metas e se direcionar para alcançá-las.

Nessa perspectiva, a motivação pode ser determinante de sucesso ou insucesso em uma dada situação de aprendizagem. Dornyei (2001) *apud* Perini e Ribas (2008) expõe quando os alunos se sentem motivados conseguem ter o um resultado satisfatório apesar de suas dificuldades ou aptidão. Entretanto, sem motivação suficiente, mesmo alunos com grandes potenciais e habilidades notáveis não tem incentivo para persistir, não chegam ao máximo de seu potencial e não conseguem atingir metas em longo prazo.

De acordo com Williams e Burden (1997), a motivação pode ser entendida como um estado de atividade emocional, que pode gerar uma ação consciente e específica, em que a pessoa promove esforço físico e intelectual para atingir seus objetivos. Portanto, a motivação está relacionada aos objetivos dos alunos e das

situações de interação em que estes se encontram, ou seja, dependerá de fatores internos como o interesse intrínseco pela atividade, o valor atribuído à atividade, as suas crenças sobre si mesmo; e de fatores externos como o papel da interação com os outros e as experiências mediadas.

Deci e Ryan (1985) *apud* Dornyei (2005) segundo a teoria da autodeterminação consideram que há divisões relacionadas aos motivos que levam o indivíduo a ter determinada atitude. Para os autores a motivação intrínseca está relacionada à vontade que o estudante tem de aprender, se envolver numa atividade pelo prazer e satisfação pessoal em realizá-la. Quanto à motivação extrínseca, relacionam-se aos fatores externos ao indivíduo e a um fim específico, tais como pressão social ou desejo de conseguir um emprego. Neste tipo de motivação a recompensa é externa à atividade, ao passo que, na motivação intrínseca a própria atividade em si é a recompensa.

Diante disso, percebe-se que o conceito de motivação está relacionado ao conceito de interação, ou seja, o envolvimento de duas ou mais pessoas empenhadas agir de forma conjunta, em dialogar sobre algo. Para Perrenoud (2000), a interação entre professores e alunos na sala de aula se constitui como um dos principais elementos do processo de ensino-aprendizagem, porém as salas de aula estão repletas de alunos que não conseguem se sentir à vontade no contexto escolar, alguns por timidez e outros ainda pelo próprio ambiente escolar e práticas docentes que nem sempre são envolventes.

Dessa forma, alguns problemas podem ser evidenciados como empecilho para que alunos consigam interagir, como a falta de motivação e de interferência docente, uma vez que muitos professores não utilizam estratégias que favoreçam a interação, a exposição de ideias por parte dos alunos, a leitura em voz alta etc. Essa falta de interação entre os alunos e até mesmo entre professor e aluno traz consequências como a indisciplina, à falta de atenção e um ensino pouco produtivo, o que pode ocasionar problemas no convívio social e na aprendizagem.

De acordo com Silva (2004), muitas pesquisas ainda apontam a existência de um ensino tradicional, atividade em que alguns educadores seguem práticas pedagógicas ultrapassadas ou, ainda, encontram dificuldades para romper o bloqueio que impede de ousar novas tendências pedagógicas, o que provoca nos discentes,

na maioria das vezes, um desinteresse parcial, senão completo, pelos assuntos de Geografia.

Acredita-se que os alunos são motivados se os professores usam métodos mais dinâmicos, atrativos e variados em sala de aula. No entanto, motivação é tudo que chama o interesse do aluno e desperta o desejo de participar e realizar as atividades propostas em sala de aula. Os PCNs de Geografia indicam aos professores que a observação, experimentação, analogia e síntese possibilitam ao aluno aprender a compreender, explicar e representar os processos de construção dos espaços, paisagens e territórios.

2. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

No ensino de Geografia, a prática da leitura do mundo, onde o espaço e os elementos que o formam ganham significado e sentido, deve ser objeto de estima e

alcance do educador. Para tanto, ele precisa definir sua proposta de ensino, buscando uma real efetividade de sua prática, que precisa, dentre outras coisas, de sensibilidade e segurança metodológica. Neste sentido, Sales (2007, p. 157) aponta alguns aspectos que devem ser observados na prática de ensino de Geografia, a fim de se alcançar aprendizagens significativas:

No ensino de Geografia é fundamental identificar o que é realmente significativo para o estudante, o que vai auxiliá-lo a se situar no seu meio social, conhecendo e interpretando os fenômenos sociais, políticos e econômicos que regem a sociedade, [...]. É preciso ter clareza da realidade, e como isso reflete no nosso dia-a-dia como educadores na(s) nossa(s) escola(s).

Cavalcanti (2010, p. 47) vem afirmar a importância do ensino de Geografia, destacando a dimensão do protagonismo social e, apontando a construção da cidadania como elemento didático, na medida em que entende que:

O ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas.

Como outras disciplinas do currículo da educação básica, a Geografia tem procurado ampliar seu papel no processo de ensino-aprendizagem. Através da pesquisa e da discussão ela tem formulado novas metodologias e conteúdos e vem fomentando novas práticas didático-pedagógicas.

A prática de ensino é o caminho metodológico pelo qual professor busca uma forma de atuar na sala de aula no seu dia a dia, na maneira de lecionar, no convívio com os alunos, a forma que aborda os conteúdos em sala de aula. É reflexão da estrutura social que envolve o ato de ensinar, a forma como o educador planeja e executa suas ações diárias para atingir uma meta de ensino.

As práticas docentes são divergentes entre si com características específicas, pois a educação faz parte do contexto social à prática docente é o melhor caminho a ser percorrido para alcançar o ensino aprendizagem envolvendo elementos socioculturais. Dessa forma, a prática docente é uma ação educativa que envolve valores e saberes sócio pedagógicos e tem caráter de levar o conhecimento ao aluno, ensinando a ser um indivíduo capaz de exercer sua autonomia através dos conhecimentos adquiridos na escola. O educador tem sua prática voltada para o aluno

e suas necessidades, de forma que os faça participar das aulas de maneira dinâmica e prazerosa. Segundo Veiga (2004, p.87)

O fazer pedagógico, enquanto realização do ensino é representada por três momentos complementares e interligada: concepção, realização e avaliação ou, em outras palavras: preparação, desenvolvimento e avaliação do ensino, incluindo-se Relação pedagógica, isto é, o vínculo que se estabelece entre o professor, o aluno e o saber.

Neste sentido, a prática do professor em sala de aula, deve partir da concepção da realidade do aluno, assim o professor apresenta um problema ao aluno que ambos possam desenvolver atividades que permita o aluno entender e compreender os conteúdos abordados na sala de aula através do diálogo, investigação. O educador deve ter em mente que o aluno é centro do ensino, este faz parte de um meio sociocultural com valores e conhecimento que com a prática educativa vão sendo aprimorando ao logo do ensino.

De acordo com a Berjarano e Carvalho (2003), a prática pedagógica do professor vinculada ao conjunto amplo de conhecimentos teóricos implícitos ou não que direcionam seu relato e sua tomada de decisões em sala de aula e na escola, sendo necessário reconhecer as concepções subjacentes à prática educativa.

O Projeto Político Pedagógico da escola deve ser construído de forma participativa, tendo em vista a realidade em que a escola está inserida, levando em consideração suas necessidades e traçando metas e estratégias para alcançar seus objetivos. Como afirma Freire (2002, p.117), quando diz que: “[...] somente na relação dialética entre ação e reflexão, prática – teoria, é que se pode superar o caráter alienador das práticas sociais”.

Os recursos didáticos é um grande aliado para o educador como fonte de apoio essencial para construção de uma aula dinâmica e proveitosa e favorece o desenvolvimento intelectual do aluno através da participação de nova fonte de aprendizagem. Segundo Piletti (2000), os recursos didáticos podem oferecer ricos estímulos a crianças motivando-a e em muitos casos ajudando-a a desinibir-se, cabendo ao professor associar os recursos e saber explorá-los.

Os recursos didáticos são todos tipos de recursos que auxiliam o professor na elaboração e execução de sua aula, é uma ferramenta muito importante para o educador na sua prática diária possibilitando a fazer uma aula dinâmica e que atinja sua eficácia, além de motivar os alunos e favorecer a aprendizagem. Diante disso, os

professores contam com grandes aliados para desenvolver uma aula criativa e dinâmica.

Mesmo com muitos recursos didáticos disponíveis, a aula expositiva e dialogada continua sendo em muitos casos o principal recurso utilizado na sala de aula pelos docentes. Cabe ao educador indagar os alunos a respeito do assunto abordado, fazendo a problematização do conteúdo em discurso de forma que o aluno interaja e expresse sua opinião. É tarefa de o professor incentivá-lo a investigar problemas, fazer experimentos e criarem suas conclusões do tema em questão e fala do que entendeu. Além disso, podem levar os alunos a uma aula passeio, depois relatar com o que aprenderam.

Portanto, o professor pode sim trabalhar uma aula prazerosa de forma clara e objetiva de modo que os alunos interiorizem a aprendizagem e dessa forma venha a torna-se cidadão crítico e participativo conscientes dos saberes e responsabilidades.

2.1 Sobre o papel do professor no ensino de Geografia

Atualmente, diante de tantas mudanças na estrutura da escola e da sociedade, surgiu a necessidade de uma reflexão sobre a ação dos educadores na perspectiva de melhorar o processo de ensino e de aprendizagem. O grande desafio colocado para os educadores é o de se criar possibilidades e proporcionar progressos significativos aos alunos nesses níveis de ensino. Isso, considerando a melhor adequação entre a prática pedagógica e a diversidade cultural dos aprendizes, sem perder de vista as diretrizes curriculares. Em Dourados et al (2018), a configuração da sala de aula tradicional é um dos grandes desafios ao educador científico quando se trata de tornar o ensino e a aprendizagem de ciências significativo aos educandos, com apropriação de conceitos e conhecimentos úteis à vida cotidiana. O ensino expositivo não é de fato um problema, mas é preciso que as exposições sejam efetivas considerando a lógica da disciplina e a lógica dos alunos, para que o aprendizado de ciências além do significado lógico tenha significado psicológico para o educando.

Neste sentido algumas condições podem ser utilizadas, como: estabelecer conexões entre variados pontos dos conteúdos, realizar estudos de casos a partir da proposição de problemas cotidianos, apresentar textos jornalísticos e propor a

discussão entre os estudantes, explorar conhecimentos prévios dos educandos para que estes proponham problemas e discutam as alternativas de soluções.

O ensino de geografia realizado nas escolas é em sua grande maioria um ensino unicamente enciclopédico, ou seja, preocupa-se apenas com a memorização dos conceitos no livro didático, sem a reflexão do pensar sobre aquilo que se aprende. Esse mesmo ensino também pode estabelecer característica propedêutica, que é quando alunos utilizam o conteúdo em sala de aula sem entender seu significado contextual. Isso representa conceitos descontextualizados, sem significado, deixando alunos desmotivados sem entusiasmo durante o ensino do conhecimento estabelecido.

Buscar estratégias que viabilizem a aprendizagem dos conteúdos nas disciplinas é indispensável, no entanto, ainda é um desafio para muitos docentes, visto que, o processo de ensino e de aprendizagem exige a utilização de novas metodologias de ensino, haja vista que a transmissão de um dado conteúdo deve ser vista com um olhar inovador e não como um mero processo de aplicação de fórmulas e algoritmos.

A utilização somente de livros seguidos de exercícios de fixação origina um aprendizado estático, o qual desanima os alunos que, com baixo rendimento, tendem a reprovar. Nesse novo contexto, o estudante estará diante de materiais concretos responsáveis por uma nova estruturação das teorias e fórmulas. Em meio a estas questões, o ensino de Geografia no Brasil e no mundo enfrenta uma profunda crise, exigindo dos professores a reformulação de suas práticas, a redefinição das estratégias e a inclusão de novas ferramentas de ensino.

Com esse direcionamento o papel do professor é de orientador, mediador e assessor do processo, e isso inclui manter a motivação, lançar ou fazer surgir do grupo uma questão-problema, salientar aspectos que não tenham sido observados pelo grupo e que sejam importantes para o encaminhamento do problema; produzir juntamente com os alunos um texto coletivo.

As atividades devem ser entendidas como situações em que o aluno aprende a fazer conjecturas, e a interagir com os colegas, com o professor, expondo seus pontos de vista, suas suposições, confrontando seus erros e acertos. Desta forma, auxilia os alunos a atingirem níveis mais elevados de cognição, o que facilita a aprendizagem de conceitos científicos e seus fins sociais.

Para que o pensamento faça parte do aluno como uma prática cotidiana, para que seja verdadeiramente um exercício da práxis, é necessário que a Geografia esteja ao seu alcance, que o conhecimento tenha sentido, ou seja, que possa ser utilizado na compreensão da realidade.

3 METODOLOGIA

O estudo realizado foi do tipo exploratório e descritivo, onde se optou pela abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados escolhido foi à entrevista, que segundo Bernard (1998), os entrevistados estão livres para abordar seu ponto de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

A pesquisa também teve o suporte bibliográficas sobre o tema em questão, onde se destacaram os seguintes autores: Dorney (2005), Perrenoud (2000), Silva (2004), Cavalcanti (2010).

A investigação se baseou em um estudo de caso na Escola Municipal João Lourenço de Lira destacando os desafios e reflexões sobre o ensino de geografia nas escolas públicas de Boqueirão do Piauí/PI. Na ocasião buscou-se conhecer as diferentes formas e ferramentas que o professor pode utilizar para ensinar geografia, bem como os desafios que cada um tem enfrentado para melhor aplicar seus conteúdos em sala de aula.

3.1 Instrumento da Pesquisa

O instrumento utilizado foi à entrevista aberta com 06 (seis) perguntas, feitas a 03 (três) professores lotados na Unidade de Ensino e graduados em Licenciatura Plena em Geografia, com o objetivo de buscar entendimento e clareza sobre a temática abordada.

Os docentes procuram evidenciar suas práticas dentro da proposta política pedagógica da escola e em consonância com seus planejamentos.

3. 2 Campo Empírico: Caracterização da Escola Municipal João Lourenço de Lira

A Escola Municipal João Lourenço de Lira pertencente à Rede Municipal de Ensino, localizada no povoado Rua dez, em Boqueirão do Piauí, como pode ser observado na figura 1. A escola é organizada e contém uma boa estrutura física, além de contar com uma equipe envolvida e comprometida para executar um trabalho educacional de grande porte, mas devido à negligência por parte do poder público, certos departamentos da escola permanecem abandonados e deteriorados como algumas áreas do terreno da escola, os banheiros, por exemplo.

Figura 1 – fachada da Escola Municipal João Lourenço de Lira



Fonte: Autor, 2023.

Os recursos pedagógicos da unidade de ensino em questão são limitados, porém esse fator não compromete a eficácia da proposta de ensino da mesma, haja visto o empenho presente em todo o seu quadro.

A escola João Lourenço de Lira possui 8 salas de aulas, porém apenas as 08 são utilizadas, não tem biblioteca, não tem laboratório de informática, sem laboratório de ciências, sala de secretaria, sala da diretoria, sala dos professores, sem sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado, possui uma ótima quadra de esportes coberta, cozinha, não tem parque infantil, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à educação infantil, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependência e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, não tem auditório, pátio coberto, pátio descoberto sem área verde.

A escola tem alguns pontos de acessibilidade para cadeirantes, e há um compromisso do quadro de funcionários e da limpeza do local. Vale ressaltar a negligência do poder público na restauração de toda esta estrutura, citando como exemplos que apesar de ampla, há falta de iluminação nas ruas de acesso à escola e da quadra a noite, colocando em risco a segurança de servidores e discentes; a má iluminação da sala de aula, dificultando a aprendizagem dos estudantes, porém as salas são climatizadas com ar condicionado e os professores não tem acesso aos materiais multimídia para as turmas da noite.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta as análises dos dados coletados durante a pesquisa, que ocorreu através da realização de entrevista a 03 (três) professores da disciplina Geografia da Escola Municipal João Lourenço de Lira.

Para resguardar a identidade e manter o anonimato dos professores usaremos pseudônimos em substituição a seus nomes: PROF 1, PROF 2 e PROF 3. O PROF 1 formou-se no ano de 2015 e atua na área mesmo quando não tinha a formação em Geografia e ainda era pedagogo, para complementar a carga horária. Os PROF 2 e 3 são graduados em Geografia e ambos ministram a disciplina há 10 anos.

Os professores foram abordados sobre o que eles consideram necessário para melhorar a qualidade do ensino de geografia, a resposta obtida foi:

“que é preciso capacitar os professores em sua formação, garantir que eles tenham estrutura e tempo para se dedicar por gosto a sua profissão, restringir o tempo da disciplina e o salário do professor é prejudicar e sucatear o ensino” Prof. 1(2023).

Os Prof. 2 e 3 (2023) responderam que a necessidade maior é investir em formações constantes para os docentes e assim estarão melhor qualificados para o exercício da docência.

Conforme Antunes (2008), aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, os professores também podem aprender com a prática do dia-a-dia da sala de aula.

Ao serem questionados se os professores já receberam algum treinamento diferenciado para trabalhar o ensino de Geografia, eles categoricamente responderam: “Sinceramente não”, sem maiores explicações, PROF.1, 2 e 3 (2023).

Perguntou-se quais as maiores dificuldades encontradas dentro da sala de aula, eles prontamente responderam:

“Os alunos apresentam problemáticas dentre as quais cabe ressaltar a deficiência na leitura, na interpretação de texto, acompanhamento familiar. Quase nunca querem ser participativos às aulas e isso constrói uma barreira no conhecimento”. PROF 1(2023).

A falta de acompanhamento familiar, temos alunos que tem em sua composição familiar os mais diversos modelos de família possível e a escassez de recurso na escola. PROF 2 e 3(2023)

Para Cruz (2009) a leitura é composta por dois elementos: a descodificação e a compreensão. A descodificação acontece através do reconhecimento e identificação das palavras, e a compreensão é um processo voltado para assimilação da informação escrita.

Sobre isso Smith e Lisa Atrick (2001), afirma que as dificuldades de aprendizagem são resultantes de problemas como a falta de acompanhamento familiar, falta de materiais didáticos apropriados. Isso mostra que a participação da família na escola é de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem e mostra também que os materiais didáticos fazem a diferença no processo de ensino e aprendizagem. Quando se pergunta sobre a metodologia utilizada pelos ministrantes, eles responderam:

“Procuro sempre inovar em minhas aulas, busco sempre fazer uso de recursos diferenciados. Somente o livro didático não é mais indicado, este se tornou apenas um aliado no processo de ensino.” PROF 1(2023).

“Faço sempre uso de recursos tecnológicos, afinal os alunos dominam bem as tecnologias de informação e comunicação.” PROF 2 (2023).

“Ainda uso muito o livro adotado e outros livros, mas sempre que possível trago outras propostas como filmes e jogos.” PROF 3 (2023)

A educação, bem como o processo educativo, deve ser orientada por metodologias que permitam atender aos objetivos propostos pelos docentes. Conforme Nérice (1978, p.284), a metodologia do ensino pode ser compreendida como um “conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino”, esse conjunto de métodos são utilizados com o intuito de alcançar objetivos do ensino e de aprendizagem, com a máxima eficácia e, por sua vez, obter o máximo de rendimento.

Perguntou-se também se os alunos da Escola Municipal João Lourenço de Lira sentiam dificuldades no ensino de geografia, e as respostas foram as seguintes:

“Sim, a princípio, no início das aulas, percebi que sentiam bastante dificuldade, pois estavam acostumados apenas a incorporar conceitos e a minha proposta de trabalho é de construção de conhecimento, mas com o decorrer do tempo eles vão assimilando pouco a pouco o conteúdo” PROF 1(2023).

“Não necessariamente com o ensino de Geografia, mas a dificuldade maior é na leitura e interpretação dos textos.” PROF 2 (2023).

“Percebo que os alunos sentem dificuldade em organizar e expressar suas ideias seja de forma oral ou escrita. Ainda estão habituados a incorporar definições já prontas.” PROF 3 (2023).

Foi perguntado se eles consideram suas aulas atrativas para os alunos e caso não considerassem, o que deveria ser melhorado para que isso pudesse acontecer?

“Considero sim, pois nas aulas são dados exemplos de artefatos que possui dentro da própria sala de aula, além de diversas coisas que eles vivenciavam no dia-a-dia.” PROF 1 (2023).

“Depende muito da metodologia usada no dia, muitas vezes se for pautada apenas no livro se torna enfadonha.” PROF 2 (2023)

“Eu faço o possível para que minhas aulas sejam o mais atrativa possível, mas essa questão varia muito da condição individual do aluno também, não basta só eu querer, é preciso que ele esteja aberto também”. PROF 3(2023)

A motivação é algo necessário para despertar o interesse do estudante, ela pode ser alcançada através de alguns recursos “lúdicos” que proporcionam entretenimento e ao mesmo tempo informação.

Conforme observa Almeida Filho (1998), o professor deve observar o clima de aula e a frequente modificação dos métodos pedagógicos e buscar materiais de ensino inovadores, que facilitem ao aluno transpor os desafios ligados à contracultura escolar que é o não estudar. A última pergunta da entrevista foi para saber acerca do maior desafio de um professor, e responderam:

“No meu caso, seria o livro didático de difícil entendimento para o alunado e algo que não falei durante a entrevista e que talvez seja o maior empecilho para uma aula mais participativa e diversificada seria o não acesso aos materiais de mídia digital que a escola disponibiliza.” PROF 1(2023).

“O livro didático, que infelizmente não contemplam as necessidades tanto do educando como do educador.” PROF 2(2023).

“A escassez de materiais de mídia digital que a escola não disponibiliza.” PROF 3(2023).

O livro, como já dito anteriormente, parece ser algo suficiente a ser ministrado para os discentes. A aprendizagem se concretiza através de uma série de elementos vinculados como o tempo disponível, o acesso às novas mídias, o “ludismo” que facilita a aprendizagem, as dinâmicas em sala, etc.

É um processo muito mais complexo o da didática de apenas um método. Além disso, deve-se ressaltar para os estudantes a importância do ensino de geografia como um direito de todos e uma resposta às necessidades individuais e sociais do homem contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a prática do ensino de Geografia deve oferecer oportunidades para que o educando comprehenda as transformações no/do espaço geográfico. Desta forma, é possível reafirmar a importância do ensino de Geografia para a formação de sujeitos que reconheçam a dimensão social de sua participação na apropriação do espaço, que é construída a partir assimilação de conceitos geográficos, a partir de suas vivências nesse espaço.

No entanto, o ensino de Geografia, ainda fortemente influenciado pelas práticas tradicionalistas de base positivista, muitas vezes, centradas apenas na memorização e descrição do espaço geográfico, acaba favorecendo a dicotomia homem x natureza; e diante de um espaço geográfico extremamente mutável acaba não contribuindo de forma efetiva para a leitura e a interpretação dos fenômenos inerentes a este espaço, o que leva muitos educandos a não construírem afinidade com esta disciplina.

Muitos recursos e estratégias didáticas têm sido explorados pelos docentes, no ensino de Geografia a fim de tornar a sua prática muito mais prazerosa e efetiva. Cabe-nos enquanto docentes ter a noção de que ser professor não é somente passar o conteúdo e tendo a certeza de que eles estão assimilando àquilo. É preciso mais, é preciso entender todas as dificuldades e saber que nem todos estão no mesmo barco de aprendizagem. Cada estudante é um universo diferente e pode estar tendo uma visão divergente do outro colega.

Cabe frisar também que alguns professores, mesmo tendo uma formação de ensino “tradicional” e mesmo não sabendo utilizar as novas mídias digitais usam de artefatos lúdicos criativos para captar a atenção destes alunos como desenhos em cartolina, jogos, dinâmicas, etc. A metodologia de um ensino eficiente para os alunos na atualidade deve ser diversificada, renovada e voltada para o cotidiano do aluno como eixo condutor das aprendizagens, já que se trata de um corpo discente diferenciado.

O professor deve saber lidar com diferentes situações, deve criar estratégias para se desvencilhar de situações de desistência e desinteresse pela aprendizagem. Todos nós, tanto professores quanto alunos, somos seres humanos falíveis, que “submergimos” quando estamos esgotados, e em decorrência disso, é preciso desde o primeiro momento, estabelecer uma parceria entre todos nós (corpo docente e discente) como conjunto, como escola, como precursores do saber.

Em suma, é papel de a escola orientar os professores, fomentar a capacitação, atualização e aperfeiçoamento dos recursos humanos e materiais, fornecer assistência pedagógica e recursos necessários, não dando uma superlotação as salas de aula para que se possa melhorar o atendimento às dificuldades individuais dos estudantes.

Compreende-se que favorecer a autonomia da aprendizagem e motivar os alunos a desenvolverem as habilidades orais e escritas exige uma prática pedagógica voltada para o exercício da linguagem de forma efetiva e contextualizada, com o uso de atividades de leitura e compreensão que favoreçam a participação e o envolvimento dos alunos durante as aulas de geografia.

Cabe dizer que os objetivos foram alcançados uma vez em que identificamos que são muitos os desafios do ensino de geografia, incluindo questões básicas como estrutura física dos ambientes escolares e a formação e valorização de professores, mas diante de uma realidade complexa e que as soluções para tais questões devem ser fruto de políticas de Estado com resultados em longo prazo, portanto a atuação do professor torna-se fundamental.

O desafio do docente é fazer o ensino de geografia com qualidade crítica, mesmo sem as condições necessárias e sob o uso dos recursos disponíveis. O próprio ato de abordar o conhecimento científico de forma contextualizada e instigadora torna-se instrumento de transformação perante os educandos; pode valer-se de questionamentos, debates, contrapontos de ideias e utilizar tais oportunidades para o ensino para a cidadania, especialmente tolerância a ideias distintas e convivência em comunidade.

Planejar e executar uma aula não é uma tarefa simples. Exige empenho e conhecimento do professor, maior tempo para preparação das aulas e material disponível. Embora a maioria das escolas não tenha estrutura o professor pode criar condições para que aconteçam.

A maneira mais simples de introduzir atividades em sala de aula, pode ser através do caráter lúdico, que podem transformar o ambiente de sala de aula, despertando o interesse dos alunos e motivando-os a aprender por meio de discussões a respeito do fenômeno apresentado.

Ademais, a utilização de recursos, especialmente de som e imagem, é fundamental para as aulas, pois enriquecem a prática pedagógica do professor, trazendo ao ambiente escolar um ensino diferenciado e motivador.

REFERÊNCIAS

- BEJARANO, N. R. R., CARVA LHO, A. M. P. **Tornando-se professor de Ciências: crenças e conflitos.** Ciência e Educação, v.9, n.1, p.1-15, 2003.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília MEC/SEF, 1998. 120p.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas:** Lidel - Edições Técnicas. Lisboa, 2009.
- FREIRE, P: **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 43 edição, 2005.
- NASCIMENTO, F. D.; FERNANDES, MENDONÇA, H. L.; V. M. D. **O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais.** Revista História, Sociedade e Educação no Brasil, Campinas, n.39, p. 225-249, 2010.
- NÉRICE, I. G. **Didática geral dinâmica.** 10 ed., São Paulo: Atlas, 1987.
- PERINE, Cristiane Manzan e RIBAS, Fernanda Costa: **O ensino e a motivação para aprender dos alunos.** Disponível em: <https://pt.slideshare.net/BPJCA/o-papel-do-professor-na-motivao-dos-alunos-no-ensino-de-Ingua-inglesa>. Acesso em: 25 de Janeiro. de 2021
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PILETTI, C. (Org.). **Didática especial.** 6. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 13º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 174 p.
- SANTOS, W. L. P.; MORTIMER, E. F. **Tomada de decisão para ação social responsável no ensino de ciências.** Ciência & Educação, v.7, n.1, p.95-111, 2001.
- SALES, M. A. **Estudos em Geografia: um desafio para licenciando em Pedagogia.** Terra Livre, Presidente Prudente, SP, v. 1, n. 28, p. 157-170, jan./jun., 2007.
- SILVA, Rosilene Pereira da. **A prática pedagógica do professor de geografia e o interesse dos educandos pela disciplina geografia.** São Paulo: UESPI / GT1, 2004. 11 p.

SILVA. Alexandre Fernando, FERREIRA. José Heleno, VIERA. Carlos Alexandre, **Revista. Exitus** vol.7 no.2 Santarém maio/ago 2017.
<https://doi.org/10.24065/2237-9460.2017v7n2id314>. Acesso em 04 de Maio de 2023.

SMITH, C E LISA ATRICK. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.**-Porto alegre: Artmed Editora, 2001.

VEIGA, Ilma P. A. **A prática pedagógica do professor.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

WILLIAMS, M; BURDEN, Robert. **Psychology for language teachers: a social constructivist approach.** Cambridge, 1997.